

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

EDITOR E PROPRIETARIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . 8\$00
» 10 » — Para outras localidades . 9\$90

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

A LIÇÃO DO ATLÂNTICO A PRECE

EM notável entrevista últimamente concedida a um brilhante jornalista português no palácio presidencial do Catete, o Dr. Café Filho — ainda mal refeito das grandes emoções da viagem: os inesquecíveis momentos da Rua Augusta, do Porto, Guimarães e Coimbra — reafirma a exuberante realidade do Mundo Luso-Brasileiro, declarando ao mesmo tempo que «os sentimentos de fraternidade reciproca entre portugueses e brasileiros têm raízes tão sólidas e profundas que nenhum Governo poderá mostrar-se-lhes insensível ou indiferente».

A imprensa da Nação irmã continua, por seu turno a salientar o altíssimo valor desta indissolúvel comunidade, como exemplo apontado a todos os povos, sobretudo na hora actual em que se impõe o «abraço fraterno da compreensão e da concórdia».

Quanto a nós — e supomos que em nada se exagera sobre o significado da transcendente aliança Portugal-Brasil — a visita do Presidente Café Filho, no seu enorme significado global, disse a última palavra daquilo a que muito judiciosamente poderá chamar-se a *lição do Atlântico*.

Se o mar, em sentido geográfico, representa ou constitui um elemento de separação, o caso passa-se necessariamente ao invés no plano político, como na esfera dos intercâmbios morais ou culturais, como na própria existência de uma defesa comum.

O Atlântico, *mare nostrum* dos ocidentais, ponte de ligação euro-americana, está logicamente destinado a servir de único baluarte natural ao património da civilização cristã, tão ameaçada pela nova «barbárie» do Oriente. E só com o pleno concurso das nações atlânticas, desde os Estados Unidos e o Canadá aos vastos aglomerados hispano-americanos, incluindo forçosamente o Brasil e a faixa peninsular, do lado de cá — barreira pirenaica de incomensurável sentido geográfico-estratégico — se afigura crível a constituição total desse bloco.

Hoje em dia, a palavra *Atlântico* deve exprimir um aluvião de conceitos, sob a trilogia ideal da «força», do «espírito», e da «afinidade». Apenas deste modo e com este pensamento fixo, prodigamente materializado em actos, será possível salvar o Futuro das ameaçadoras destruições.

Doca de Pesca

de Vila Real de Santo António

As expropriações concernentes à execução do projecto da doca de pesca de Vila Real de Santo António foram consideradas de urgência e de utilidade pública numa portaria há dias publicada.

E nada mais belo, mais sólido e palpável do que o exemplo *Portugal-Brasil*, agora definitivamente posto diante de todo o Mundo e de todos os povos pela visita do Presidente Café Filho.

Aqui está, em pálida mas talvez expressiva síntese, o que constitui para nós a *lição do Atlântico*.

Zuzarte de Mendonça Filho



Alte, a linda aldeia onde nasceu Cândido Guerreiro, possui, desde há dias, um monumento em honra do excelso poeta dos sonetos.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

O II Congresso da Imprensa Regionalista

JÁ lá vai o tempo em que a Imprensa Regionalista era considerada sala de devaneio, um entretenimento ou caturrice de alguns *carolas*, ocupando-se apenas dos ligeiros incidentes e notícias pessoais dos pequenos meios.

Com o decorrer dos anos, tida e havida já como um forte sector da imprensa portuguesa, ela surgiu no tablado político na Nação como paladina de diversas correntes de opinião.

Depois, dada a sua persistência e a sua abnegação, aliadas ao desinteresse pessoal dos homens que a têm produzido e dirigido, a imprensa regionalista, ganhando a confiança do público e, comportando, embora vagarosamente, a compreensão geral, atingiu o grau de prestígio e de consideração que, hoje, já ninguém lhe pode negar.

Atingida de há muito a maturidade precisa e reconhecida a sua idoneidade para arcar responsabilidades, ela toma novos rumos e aceita o bater-se (sem auferir quaisquer benefícios), e nisso é que está o

(Continua na 2.ª página)

A PRECE é um brado da alma que estabelece colóquio com o Poder Superior e irradia os nossos anelos pelo Espaço Infinito, que é o seio de Deus.

A prece não está nos lábios, mas no coração; não é uma acção corporal, mas espiritual. Não tem fórmulas, nem horas, nem lugares; está fora do tempo e do espaço. Ela pode representar uma súplica, um pedido, uma glorificação ou uma acção de graças.

A Oração Dominical, ou do Senhor, reúne todas essas condições. Ela é confissão, é comunhão, é perdão, é humildade, é exaltação de amor.

O valor da prece, segundo o Espírito do Cristianismo, não está, pois, no número e na beleza das palavras, mas sim na sincera intenção de quem ora.

Muito diferente é a prece dos Cristãos da prece dos católicos. Esta consta de inumeráveis orações e ladainhas que não falam ao sentimento, nem exaltam a razão.

Constituem elas passatempo com cantos, música, órgão ou orquestra que delicias a audição, mas não tem acesso à alma.

E quantos católicos, protestantes e até espíritas, nós vemos presos à oração e, apesar de repetirem muitas vezes por dia a «Oração Dominical», não perdoam os seus desafectos e vivem com o seu coração transbordando de ódio! Terá valor essa oração? Estarão eles solicitando o perdão de Deus, ou a sua própria condenação, quando dizem: «Senhor, perdoa as minhas ofensas como eu perdoei aos meus ofensores!».

Examinem-se os que oram, e escolham se devem continuar a orar com as mesmas disposições de espírito.

Damião de Vasconcellos

por Luís Sebastião Peres

Eng.º Sebastião Ramirez

No Gil Eanes, partiu para os Bancos da Terra Nova, a fim de acompanhar a imagem de Nossa Senhora de Fátima, que foi oferecida pelos pescadores baçalboeiros portugueses à Catedral de S. João da Terra Nova, o sr. Eng.º Sebastião Ramirez, ilustre deputado pelo Algarve.

LUX FATIMAE

À distinta Poetisa D. Maria Castro Centeno, carinhosa Amiga de minha Mãe

*Sobem a serra de Aire os peregrinos!
São bandeiras de Fé, que se desfraldam
Plos caminhos de fogo em que se escaldam
Miseros pés de velhos e meninos...*

*Vêm de longe e, grandes, pequeninos,
Querem viver a hora em que se saldram
Tristes contas da vida, que esmeraldam
O trágico colar dos mil destinos!*

*Chegam ao cimo, tocam quase o céu,
Na ânsia de avistar o Cireneu
Com que Jesus, outrora, triunfou...*

*Mas, quando a Virgem passa, a multidão
Sente, na treva, o próprio coração
— Que mais cega essa luz a quem pecou...*

Vítor Castella

Notas sobre o Orfeão de Tavira

em terras do Alentejo

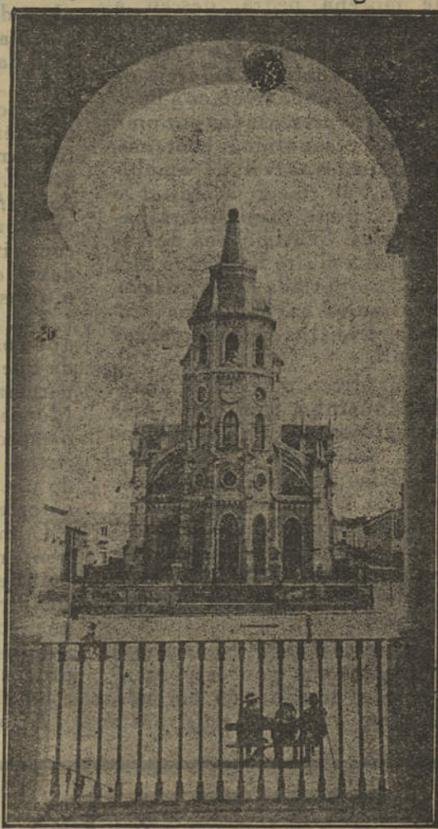
A Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro de Tavira fez deslocar, nos dias 7 e 8 do corrente mês de Maio, respectivamente a Évora e a Reguengos de Monsaraz, os seus grupos orfeónico, cénico e folclórico, onde deram espectáculos, no teatro Garcia de Resende e na Sociedade Artística Reguenguense com a apresentação do seu orfeon, de cerca de cem figuras e oito números de programa, com a peça «Rosas de todo o ano», do Dr. Júlio Dantas, e a revista folclórica «Quando o Algarve canta e ri», engendrada pelo autor destas linhas.

Em ambas as localidades, a embaixada tavirense foi recebida pelos respectivos presidentes das câmaras municipais, que lhe dirigiram amáveis palavras de boas-vindas e saudaram a cidade de Tavira.

Os referidos espectáculos decorreram com normalidade, parecendo deixar satisfeitos quantos a eles assistiram, pois lhes tributaram quentes aplausos, não nos cabendo a nós ir mais longe na sua apreciação.

Não podemos nem devemos ocultar à cidade de Tavira, que nos lê, sob pena de falsidade, que Évora foi um tanto fraca na bilheteira e uma decepção para os orfeonistas, assim como Reguengos de Monsaraz foi um sucesso e uma apoteótica surpresa.

Aquela nobre cidade, que vive ensimesmada na contem-



A igreja matriz de Reguengos de Monsaraz

plação de seus belos monumentos e museus, requestada por turistas do Mundo inteiro e ocupada em gerir a sua enorme riqueza agrícola, não lhe sobeja lazer que lhe permita organizar cortejos ou recepções a embaixadas de qualquer pobre, embora nobre, terra do país.

Creemos que ali se renda preito à arte, pois nunca vimos maior amor na conservação dos objectos artísticos da cidade; mas não divisamos até onde ele chega noutros campos, pois que, ao teatro, foram poucos os eborenses que acorreram.

Continua na 2.ª página

Notas sobre o Orfeão de Tavira

em terras do Alentejo

Continuação da 1.ª página

Sentimos, na verdade, quando a olhar uns para os outros deambulávamos à deriva pela cidade rica, aguardando a hora do espectáculo, que fazíamos parte duma embaixada que, por falta de credenciais bastantes, se esfarelava, em farândola, de encontro às indifferentes pedras morenas dos arcos históricos e da brasonada sobranceira dos portais de solares e palácios que pejaram a cidade. Através dela, tivemos a sensação de viver uma época ida há muito e alevantou-se-nos no espírito, inexplicável e teimosamente, o fantasma, felizmente destroçado, das diversas castas sociais. Se não fora a garridice alacre dos fatos modernísimos das encantadoras eborenses, que por nós cruzavam e nos traziam de súbito à nossa era, a sugestão era completa.

Évora é toda ela uma histórica cidade!

Quando, à tardinha, já cansados, nos debruçamos sobre a grade do seu melancólico jardim e nos quedamos a contemplar o horizonte, raso e longínquo, nossos olhos varreram-no insistentemente em busca do mar, mas ele faltava. Faltava, com a alegria do seu azul, a sua imensidão, generosidade e munificência. Ainda tentámos achar igualdade entre a cidade alentejana com seus tesouros, palácios senhoriais e herdades, que nem se sabe bem onde acabam, e a nossa querida Tavira, com o seu mar imenso de riqueza, mas que tanto ensina os homens a associar-se, defender-se e amar-se; porém, a comparação não era possível.

Finalmente, sobre a cidade de morena pedra, desceu a noite, que há muito reinava na sua «Capela dos Ossos», e o pano subiu no «Garcia de Resende», onde tivemos a honra de ser apresentados por uma ilustre personalidade eborense, que foi incansável de amabilidade, ao fazer acreditar o mérito deste grupo de trabalhadores. Sentimo-nos desvanecidos e muito honrados com tão apropriada designação, pois muito havíamos, na verdade, trabalhado para chegar até ali.

Agradeceu o sr. Dr. Eduardo Mansinho, com brilhantes e elogiosas palavras para Évora e, também para a Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, que foram muito aplaudidas, prosseguindo o espectáculo, depois da colocação de uma fita no estandarte pela madrinha do Orfeão.

Sinceros agradecimentos aqui rendemos aos poucos eborenses que, acreditando em nós, acorrem ao teatro, pois foram

também sinceros em seus aplausos e incitamentos.

Eles resgataram, perante nós, a vulgaridade com que Évora nos olhou, deram-nos a alegria que nos faltava e a modesta certeza de que os nossos passos tinham razão de ser.

* * *

No dia seguinte, a representação de Tavira rodou para Reguengos de Monsaraz, onde foi recebida à entrada da vila por personagens de destaque no meio, pelo sr. José da Silva Domingues, chefando a Banda Municipal de Reguengos, uma formação de bombeiros, a que se juntaram, depois, formando cortejo, várias colectividades, com seus standartes, e muito povo que saudava os visitantes.

Reguengos recebeu-nos de braços abertos, com uma forma galharda e entusiasta.

O cortejo, depois de se dirigir à Câmara Municipal, onde foi recebido pelas autoridades concelhias, encaminhou-se para a sede da Banda Municipal, sendo aí servido um esplêndido porto-de-honra a todos os orfeonistas, após o presidente daquela Banda ter dado entusiasticamente as boas-vindas aos tavirenses. Usou, então, da palavra o sr. Dr. Carlos Picoito, que, num caloroso agradecimento, fez vibrar todos os presentes. O sr. José da Silva Domingues, fundador do Orfeão de Tavira, foi aí aclamado pelos orfeonistas e muito cumprimentado.

Em seguida, o cortejo dirigiu-se para a Sociedade Artística Reguenguesa, onde, à noite, teve lugar o espectáculo perante uma imensa sala repleta de público.

Ao abrir o espectáculo, usaram da palavra os srs. José da Silva Domingues e Dr. Carlos Picoito, que empolgaram a assistência, a qual lhes tributou largos e merecidos aplausos. Em seguida, a madrinha do Orfeão e o sr. José da Silva Domingues colocaram fitas com vivas saudações no estandarte da Sociedade por entre muitos aplausos.

Foi, na verdade, sob uma apoteose de simpatia e amizade que a embaixada tavirense permaneceu em Reguengos de Monsaraz, tendo ainda, findo o espectáculo, a Sociedade Artística Reguenguesa oferecido um porto-de-honra a todos os orfeonistas.

Cumulados de gentilezas e honrarias, todos os orfeonistas manifestaram a sua muita gratidão para com o povo de Reguengos, que nos conquistou inteiramente com inequívocas provas de singular gentileza e hospitalidade.

A todo o povo de Reguen-

Livros e Revistas

Panorama da Geografia — Recebemos o fascículo n.º 22 desta excelente obra cultural que Edições Cosmos vem publicando com toda a regularidade.

É uma publicação que interessa a todos os que se dedicam aos estudos geográficos e científicos.

Talassocracia — Da Coleção Curiosa recebemos este interessante livro da autoria de Irmão Vigilante.

São 12 excelentes capítulos que se lêem com interesse e de um folego.

Uma série de apontamentos e críticas bem firmadas dão-nos uma excelente ideia dos conhecimentos do seu autor.

O escritor revela-se um conhecedor de assuntos políticos, tratando-os com inteligente imparcialidade na sua mais profunda apreciação.

«Talassocracia» é um magnífico volume onde se historicam, com cunho de inteligência, os mais interessantes assuntos da política nacional.

Felicitamos, por isso, o seu autor e agradecemos a gentileza da oferta.

Feira Popular de Lisboa (Feira Internacional de Amostras) — Recebemos o relatório e contas do 9.º ano da realização desta simpática digressão pública de beneficência, levada a efeito pelo jornal «O Século», em benefício dessa encantadora obra de beneficência que é a sua Colónia Balnear Infantil.

Por ele se vê nitidamente quantos estabelecimentos e obras assistenciais foram contemplados.

A Feira Popular de Lisboa tem o condão de distrair o espírito e, simultaneamente, prestar auxílio a muitos pobres.

É a distração mais económica, pois, pela módica quantia de 1300, pode passar-se uma noite agradável no excelente Parque de Palhavã, esquecendo-se, por vezes, tantas preocupações que a vida nos impõe.

E naquele recreio espiritual, insensivelmente, se colabora numa grande obra de assistência. Não é só a Colónia Balnear Infantil de «O Século» que usufrui tal benesse, mas sim, conforme nos elucida o relatório, várias instituições de beneficência são premiadas, pois mais de 1.000 contos têm saído do seu saldo anual para esse fim.

Resta-nos felicitar muito sinceramente «O Século» pela sua brilhante iniciativa e pelo fim altruista que se destina.

Plano de Educação Popular (A política de educação popular e o seu espírito) — Da Campanha Nacional de Educação de Adultos recebemos o opúsculo n.º XI (Série A — N.º 6), contendo os discursos proferidos por Sua Ex.ª o Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Dr. Henrique Veiga de Macedo, no acto de encerramento da V Reunião dos Funcionários Superiores do Ensino Primário e na inauguração da Cantina Escolar «Cardeal Cerejeiras».

Boletim Informativo da Casa do Algarve — Recebemos os n.ºs 6 e 7 — 3.ª Série — Janeiro a Abril de 1955, deste órgão da nossa casa regional, edição comemorativa das suas bodas de prata.

Ilustrado com interessantes fotografias do Algarve e de algarvios ilustres, eis o seu sumário:

Corpos Gerentes da Casa do Algarve para 1955; 25 anos ao serviço do Regionalismo; Ao serviço do Algarve; Documentário gráfico; Novos sócios honorários e beneméritos; Mesas directivas do C.S.R. e das Comissões; Loulé — Um aspecto do monumento a Duarte Pacheco, à noite; Os que bem merecem do Algarve; Porto — Soneto de Irene Callapez; Algarve — Jardim de trinta léguas (conferência de Hermenegildo Neves Franco, no Porto); Actividades, Relatório e Contas da Gerência de 1954; Informações diversas; Movimento associativo; Balanço do Caixa de Janeiro a Março; Actividades culturais e recreativas. Na capa — Dois pitorescos aspectos de Albufeira.

Vende-se

Uma horta no sítio da Campina, freguesia da Luz, que consta de vário arvoredo, abundância de água e casas de moradia.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário: Veríssimo Correia Dourado.

gos de Monsaraz, um longo abraço e um vemente muito obrigado do Orfeão de Tavira.

Sebastião Leiria

O II Congresso da Imprensa Regionalista

(Continuação da 1.ª página)

seu valor, a sua personalidade, a sua gigantesca obra realizada — por Um Portugal Maior, defendendo o Regionalismo português.

A ideia da realização do II Congresso da Imprensa Regionalista vai, de dia para dia, ganhando volume, contando-se em seu favor, além de inúmeros aplausos, vindos de todos os cantos do País, com as valiosas adesões dos jornais que enfileiram na «Pequena Imprensa»: «Jornal de Sintra», periódico de onde partiu a iniciativa, sob a pena do brilhante jornalista António Medina Júnior; «A Nossa Terra», de Cascais; «Voz do Sul», de Silves, e «O Castanheirense», de Castanheira de Pera.

Outros pioneiros de tão justa causa vêm, de há muito, pelejando arduamente, em reforço deste debatido assunto nos baluartes que dirigem.

Reconhece-se a necessidade de uma mais ampla compreensão entre todos os jornais da Imprensa Provincial, na sua maioria regionalistas, para se estabelecer bases de coordenação e defesa dos seus legítimos interesses.

Aqueles que compreendem a alta finalidade da efectuação deste Congresso não podem ficar indiferentes, pois que, quando bem orientado, os benefícios podem ser de importância vital para os que na «Pequena Imprensa» labutam e se batem pelo reconhecimento, pelo país e pelas entidades oficiais, do natural direito a uma existência respeitada, legal e de verdadeira utilidade pública.

Na verdade, a ideia lançada pelo brioso baluarte «Jornal de Sintra» merece que se lhe dê o justo amparo e a protecção devida.

A Imprensa Regionalista deve-se a construção de importantes melhoramentos, muitos deles de interesse nacional, como sejam: escolas, hospitais, estradas e tantos outros que, sem a sua persistente acção, muitos deles ficariam no esquecimento ou a sua realização seria mais morosa, com prejuízo das regiões que deles careciam.

Valiosos serviços tem a Pe-

quena Imprensa prestado ao País, levando até às mais recônditas aldeias e lugares as mais sugestivas iniciativas e campanhas de carácter nacional. Veja-se, por exemplo, o papel que ela tem desempenhado na Campanha da Educação de Adultos. Decerto, a sua mais valiosa e eficiente apanha.

É ainda ela — a Imprensa Regionalista — que muito tem contribuído para a elevação do nível de cultura, instrução e educação dos povos rurais.

Por isso, assiste-lhe todo o direito de não continuar na situação de subalternidade. Tem de se lhe reconhecer a sua maioridade, concedendo-se-lhe direitos que à mesma estão inerentes.

Só no seu II Congresso as suas justas e legítimas reivindicações podem ser uma realidade: a constituição do Grémio da Imprensa Regionalista.

Avante, pois, pelo II Congresso da Imprensa Regionalista.

Agradecimento

Miguel Fortuna e sua família vêm, por este meio, patentear o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acampar à sua última morada o seu sogro e avô, Tobias Monteiro de Sousa, e igualmente agradecer aos que, directa ou indirectamente, se interessaram pelo estado de saúde do falecido, durante o período da doença, e ainda aos que lhes manifestaram o seu pesar.

Propriedade

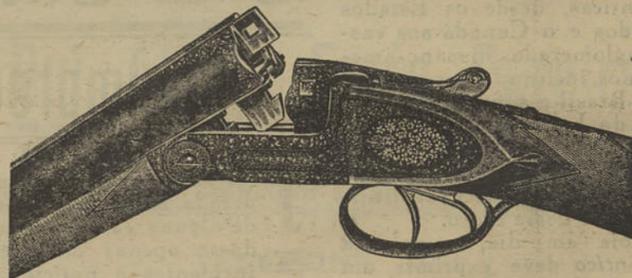
Junto à Estrada Nacional, no sítio de Vale Carangejo, a 1 km. de Tavira, vende-se uma propriedade, de boas terras, abundância de água e arvoredo.

Recebem-se propostas até ao dia 31 de Maio. Caso não venham, reserva-se o direito de não entregar.

Tratar com Rosa dos Santos Trindade, Rua Almirante Cândido dos Reis, n.º 46 — Tavira.

Espingardaria Algarve

de V.ª & F.ª de José Viegas Mansinho - Tel. 40-TAVIRA



Participa

que já recebeu do estrangeiro grande número de espingardas dos mais variados modelos de conhecidas marcas da Bélgica, Alemanha, França, Espanha e Checoslováquia, e que tem à venda muitas espingardas usadas, de vários calibres, marcas e preços

Representante das acreditadas marcas:

Sauer, Merkel, CZ, Kovo, Jabali, Astra, Laurona, Bost e Zabala

Carregamento de cartuchos electricamente, pelos processos mais modernos, e dirigido por técnico competíssimo.

Tudo o mais que é necessário para tiro de caça e de stand

Preços sem competência, em parte devido às grandes quantidades compradas.



MERCEDES-BENZ

MOTORES DIESEL INDUSTRIAIS E MARÍTIMOS 20 A 2500 H. P.

Motores de 20, 50, 75 e 100 H. P. para entrega imediata

REPRESENTANTES

C. SANTOS, LDA. LISBOA PORTO

Era aquele Dos Livros...

o seu destino

Continuação da 4.ª página

sempre, emitia ordens simples e correctas através dos microfones, para a sua disciplinada esquadilha.

Nada o perturbava, nada fazia transparecer no seu rosto qualquer coisa, qualquer vestígio da cena da véspera. Debaixo daqueles grandes óculos, divisavam-se uns olhos azuis que perscrutavam o horizonte tomavam conta de tudo quanto tinham diante de si. Depois de algumas evoluções sobre o o aeródromo, deslocou-se à cidade, que ficava distante uns 5 quilómetros.

Foi aqui, voando a pequena altura sobre as casas brancas da cidade viu a uma janela banhada de Sol o rosto de sempre, mas que agora lhe parecia diferente. Sim era ele, sabia-o muito bem.

Quantas vezes já tinha sobrevoada aquela casinha, aquele jardim sempre coberto de rosas. Vezes sem conto por ali passara, mas era a primeira vez em que um adeus ficava esquecido. Jorge nem se lembrava de que conduzia um aparelho diferente e que era, por isso, desconhecida de Ana Maria a sua matrícula. Voltou ao seu espírito toda a cena da noite anterior.

Assentou-se-lhe na alma, novamente, a luta. Um turbilhão de ideias veio trazer-lhe uma alteração no ritmo do seu aparelho, nervoso. Sentia-se mal pela primeira vez, sentia-se diferente e estranho, e obedecia automaticamente aos comandos. Os camaradas de voo deixaram de ouvir as suas ordens, continuando a segui-lo afastando-se da cidade, foi entrar-se no novelo de nuvens brancas, subindo sempre cada vez mais. Para lá ficava o infinito azul dos céus. Por baixo, um tapete fofo e indelével de nuvens alvas.

Um sol quente fazia brilhar as cruzes de Cristo dos cinco aviões portugueses. O furriel Dias, deitando ver o que se passava com o seu tenente, aproximou-se mais, ficando lado a lado com o seu comandante. Embora tentasse compreender o que se passava no avião de Jorge, nada notou a não ser a rigidez do olhar do tenente enquadrado por um sorriso estranho. Numa curva precipitada, o aparelho de Jorge veio chocar violentamente com o do furriel Dias. O motor parou, e a precipitação elevada que era fruto do seu estado de espírito, levou Jorge a lançar-se de paraquedas, mas em tão má hora, que seu próprio aparelho lho cortou.

Sim, a solução única tinha-

O Patriota

A ideia que todos, mais ou menos, temos da China, é dum país curioso, com deuses, homens e hábitos esquisitos. Daí o termo «chineses», tão em uso na nossa língua diária, e que por si mesmo nos dá um reflexo da nossa visão parcial da China.

«Livros do Brasil», editando a trilogia constituída pelas obras *Terra Bendita Os Filhos de Wang Lung* e *Casa Dividida*, abriu uma porta diferente e deu-nos um mundo humano, com problemas humanos: a China. O que até então era pesado mistério, coisa distante, perturbação, fantasmagoria, passou a ser uma realidade viva, coisas que têm a ver com as pessoas, problemas paralelos aos nossos. O profundo conhecimento da psicologia chinesa que possui Pearl Buck, filha de um pastor americano e vivendo desde tenra idade no Celeste Império, dá-lhe possibilidade de nos transmitir toda a complexa psicologia chinesa ao mesmo tempo que a evolução que este meio século XX trouxe aos métodos de vida da velha China.

Em «O Patriota», último lançamento da colecção «Dois Mundos» de Livros do Brasil, Pearl Buck continua o seu exaustivo processo e dá-nos a década de 30, a presença de Chiang Kai-shek revolucionário, ao lado dos problemas que a introdução de ideias e de métodos de trabalho e outros, vão levantando. Paralelamente, corre o drama de um jovem chinês nacionalista, dividido entre o amor à esposa japonesa e a fidelidade à pátria chinesa vítima da agressão do Japão. A angústia dos jovens esposos, as notícias dos crimes que estão a ser praticados na pátria chinesa, dão um tenso clima de tragédia, que Pearl Buck narra com aquela segurança e beleza de linguagem que lhe são características.

Este livro vem, sem sombra de dúvida, pôr o leitor no caminho da evolução que a China sofreria depois da guerra de 1945, e que se aponta já em muitas das figuras deste livro. Livro de grande densidade humana, de profundo conhecimento dos problemas físicos e morais dos chineses. Livro de amor e de compreensão.

-se dissipado como ténue esperança. Restava-lhe a morte lá em baixo nessa terra, donde pretendia elevar-se tanto material como espiritualmente.

Há coincidências terríveis, que fazem temer de calafrios os menos tímidos, e esta foi sem dúvida uma delas. Sim, aquele infeliz que jaz agora no mundo de além, e que ainda há tão pouco tempo era aquecido por um sonho e uma vida, é agora apenas uma recordação, uma ténue esperança que se dissipou naquele bruto desastre em que a morte estaria com ele.

Ana Maria recebeu com resignação a notícia e soube sofrer com heróica virtude aquele duplo desenlace.

A vida é assim, cheia de cambiantes como as próprias estações do ano, tendo como estas, um Outono semeado de morte.

Alvaro Gil Pereira

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Adelina Corvo Peres, D. Maria da Encarnação Laranjo Conceição Fonseca, D. Maria Luísa Fialho Gomes, D. Maria Caetana do Rosário Frangolho, D. Maria Antonieta do Rosário Frangolho, D. Lídia Lopes Rodrigues, Mle. Maria do Espírito Santo Viegas Evangelista e sr. António dos Ramos Vaquinhas.

Em 17 — D. Maria Adelaide Correia Rico Viegas e Mle. Maria Julieta de Oliveira Cruz.

Em 18 — D. Maria Celeste Pires Cruz Santos, D. Mariana José Mimoso Faisca, D. Maria Bernardette Machado Alves de Matos, D. Emília da Encarnação Galhardo Cardoso, srs. Eurico Faustino Horta, Joaquim Gil Madeira Teixeira e Manuel Alexandre dos Santos.

Em 19 — Menina Ofélia Maria Augusta de Azevedo Pereira, srs. João Gago da Graça, Francisco do Nascimento Trindade e menino João Pedro do Livramento Maco.

Em 20 — D. Maria da Conceição Pires Cruz Lança, D. Olívia da Conceição Pisco Viegas e sr. Laurentino de Jesus Gonçalves.

Em 21 — D. Maria Romana de Campos Aboim Faria Pereira Gamboa Leitão, D. Orlanda Maria Galhardo Palmeira, menina Maria Helena Correia Galhardo Palmeira, srs. Prior Joaquim Humberto Galhardo Palmeira e Ernesto da Conceição Franco.

Partidas e Chegadas

Encontra-se nesta cidade, de visita a sua família, o sr. Dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, nosso prezado assinante, residente em Lisboa.

— Foi à capital o nosso prezado amigo sr. Comandante Henriques de Brito, digno provedor da Santa Casa da Misericórdia desta cidade.

— Acompanhado de sua esposa foi à capital o sr. Dr. João Augusto Pacheco e Melo Franco, meríssimo Juiz desta comarca e nosso prezado assinante.

— Com sua família, regressou do seu passeio ao Norte do País, o nosso prezado amigo sr. Capitão Jorge Ribeiro, presidente da Câmara de Tavira.

— Partiu há dias para o Brasil, para onde foi trabalhar, o nosso conterrâneo sr. José Joaquim de Jesus.

Necrologia

No dia 11 do corrente, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Rita das Dores Lopes, de 77 anos, viúva do sr. Alfredo Augusto Lopes, natural de Tavira. Era mãe do sr. Alberto Augusto Lopes, comerciante nesta cidade, e da sr.ª D. Maria Virgínia Lopes, avó dos srs. José Agostinho Lopes e Alfredo Augusto Lopes, e das meninas Maria Augusta Lopes e Maria Eduarda Lopes Chagas.

Faleceu há dias, na Quinta da Murteira, arredores da Fuseta, de onde era natural, a sr.ª D. Ermelinda de Passos Maldonado, viúva, de 84 anos.

A extinta era mãe do nosso prezado assinante sr. Capitão de Fragata Joaquim Frederico de Passos Maldonado, adjunto da Capitania do Porto de Faro, sogra da sr.ª D. Maria Luísa Braamcanp Freire Maldonado e avó das meninas Maria Luísa e Ermelinda da Natividade Braamcanp Freire Maldonado e do menino Frederico Carlos Braamcanp Freire Maldonado.

Faleceu em Lisboa, no dia 7 do corrente, onde residia há cerca de 50 anos, o nosso conterrâneo sr. António da Cruz Balté, de 89 anos de idade, muito considerado pelos seus primorosos dotes de carácter.

O sr. António Balté deixa viúva a sr.ª D. Maria das Dores Balté e era pai do sr. Dr. António Henriques Balté e do sr. Eng.º Manuel Luís Balté.

Em Vila Real de Santo António, faleceu o sr. José António Rocha, donde era natural, funcionário municipal aposentado, de 80 anos de idade.

O saudoso extinto era pai das sr.ªs D. Almerinda e D. Mariana Travassos Rocha e das srs. José Travassos Rocha, residente em Póvoa de Varzim, e Amândio Travassos Rocha, ausente em Moçambique, e cunhado do sr. Cap. Joaquim Travassos.

As famílias enlutadas, a expressão do nosso profundo pesar.

Instalações de água

FRIA OU QUENTE

Casas de banho completas

Esgotos e fossas Sépticas
Construção e Reparação

Ladislau Soares

Rua 9 de Abril, 43-A — TAVIRA

Pela Província

Luz de Tavira

Espectáculo de amadores — No passado dia 7, realizou-se na Casa do Povo desta freguesia um espectáculo de amadores, organizado pela Banda Musical do Castro União Foot Club, de Castro Marim e de que foi ensaiador o regente da Banda.

Faziam parte da referida récita as meninas Maria Clarisse Esteves, Paulina Madeira e Juliana Torrado, e os srs. Manuel Nogueira, José Horta, António José Alexandre, António Salvador e João Marçal.

Foram apresentados em cena alguns números que agradaram e, em especial, o drama em um acto «O Perdão dos Filhos».

Findo o espectáculo, os visitantes retiraram para Castro Marim em autocarro.

Notícias pessoais — Fez anos, no dia 12 do corrente, a menina Maria Fernanda Palmira Paula.

— Depois de ter sido submetida a uma operação cirúrgica, na Casa de Saúde de S. Luís, em Lisboa, no passado dia 7, tem experimentado rápidas melhoras, a sr.ª D. Maria Isabel Correia de Sousa Gomes, esposa do nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Carlos Sousa Gomes, proprietário.

No dia 13 do corrente, foi rezada missa a Nossa Senhora de Fátima, pelo Rev. Padre Arsénio Águas, em acção de graças das melhoras da sr.ª D. Maria Isabel Correia de Sousa Gomes.

«Povo Algarvio» faz votos para o rápido restabelecimento da doente.

— Depois dum prolongado sofrimento, faleceu, na sua residência, sítio da Palmeira, desta freguesia, o sr. João Costa, de 62 anos de idade, proprietário.

Era casado com a sr.ª D. Maria José Costa, mãe da sr.ª D. Maria Antónia da Costa Silva e do sr. João José Costa, proprietário, sogro da sr.ª D. Maria de Jesus Costa e do sr. João Viegas Bárbara Silva, funcionário da Sociedade Nacional de Petróleos, em Lisboa, e avó da menina Maria Helena Costa da Silva.

O seu funeral foi muito concorrido.

O «Povo Algarvio» apresenta sentidos pésames à família enlutada. — C.

Arrenda-se

Propriedade com bom rendimento, no sítio do Beco, freguesia de Cacela, constando de terras de sequeiro, com todo o ramo de arvoredo, e de regadio, com duas noras, dois tanques, pomar de laranjeiras e tangerineiras. Dirigir propostas em carta a José Aníbal Palma e Silva, em Tavira.

Reserva-se o direito de não arrendar, caso não interessem as propostas.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNOSTICO-TOMOGRAFIA — TRATAMENTOS ELÉCTRICOS — ONDAS CURTAS — ULTRA-SONS
Clática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS
FARO — PORTIMÃO tefs. 368



Espingardaria «IDEAL» de Sebastião José da Luz

Armas, Munições e Acessórios para Caçadores
Rádio - Relógios - Óptica
Oficina de Consertos

Agente da Companhia Universal de Seguros e Resseguros e da Organização Comercial da Máquina de Costura

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Tele (gramas: Espingardaria Ideal
fone: 100

R. Alexandre Herculano, 6 — TAVIRA-Portugal

Cartuchos de caça carregados pelos processos mais modernos, nas principais oficinas de Lisboa.

Pólvoras para caça

Pólvoras e rastilhos para pedreiros e mineiros

Anuncial no «Povo Algarvio»

Ford Anglia

Vende-se em bom estado.
Ver e tratar na rua da Liberdade, 24, Tavira.

Tip. «Povo Algarvio»

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS FABRICA DE CARIMBOS
EM TODOS OS GÉNEROS DE BORRACHA

OBRA SIMPLES E DE LUXO

LIVROS — REVISTAS — JORNAIS

J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas
PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO
tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Era aquele o seu destino

Conto por ALYRO GIL PEREIRA

OS seus olhos fitavam aquelas asas metálicas, onde brilhava ao sol de Maio uma cruz de Cristo. O motor ouvia-se no seu roncar característico. Dentro de minutos, elevar-se-ia no ar. A silhueta graciosa destacava-se no fundo branco das nuvens em curvas esbeltas, exibindo-se para um pequeno grupo de cadetes.

Entre estes, estavam uns olhos azuis que não perdiam uma única manobra do aparelho. O seu espírito voava também junto aos comandos daquele pequeno avião.

É, só depois de aterrar, o seu pensamento deixou também de voar, para imediatamente rodear o comandante, que naquele dia lhes dava a primeira lição prática, com uma exibição de voo.

Desde pequeno que o seu sonho era conquistar os céus infinitos com aqueles pássaros metálicos, tão leves e tão graciosos. Passava horas e horas contemplando os aviões que sobrevoavam a cidade, desde o amanhecer ao anoitecer, e cada vez mais se sentia atraído para aquela sublime invenção do homem: o ter asas!

— Oh quem me dera ter asas! e voar! voar! Passar além daqueles montes, subindo, subindo, para o azul infinito dos céus.

Passaram-se anos. Após o 7.º ano, ingressou na Escola do Exército, onde seguiu o curso da aeronáutica. Não se notabilizou aqui, mas distinguiu-se pelo amor que dedicava àquele minúsculo avião, onde, pela primeira vez, levantou voo. Já não havia segredos para ele no dia em que totalizava as 50 horas de voo, e aquele «Tigger» de linhas elegantes parecia ter-se afeiçoado a Jorge. Sim, ele vivera horas inesquecíveis com aquelas pequenas asas que em breve iria deixar.

Decorridos dois anos, e com uma boa classificação, foi colocado numa base aérea onde imperava a boa camaradagem e o amor mútuo pela aviação, profissão que abraçara para nunca mais deixar...

Foi aqui, na vida despreocupada do campo, que conheceu uma jovem bonita, de olhos sonhadores como os seus. Uma apresentação num baile e dois corações que se conhecem.

Nasceu em ambos um amor que brotou da feliz compreensão.

Em breve, o amor os unia num elo de felicidade e compreensão.

Ela sabia compreendê-lo e sabia ser mulher.

Um dia, depois de os primeiros enlevos de amor terem passado, Jorge confessa-lhe o seu segredo.

— «Ana Maria, quero confessar-te hoje um segredo que venho há muito para te contar. Contudo, pela sua delicadeza, guardei-o para agora».

Pelo olhar terno de Ana Maria passou uma inelével perturbação, e uma pergunta ansiosa saltou-lhe aos lábios.

— «Conta-me então o teu segredo delicado. Creio que não virá prejudicar o nosso amor... Tu foste sempre tão leal...».

Jorge sentiu pela primeira vez uma apreensão: qualquer coisa dentro dele se debatia entre o sim e o não.

Queriu ocultar para sempre aquele seu segredo, porque sofreria com a dor que ele iria provocar naquele coração, sempre tão terno e bom.

«Neu amor, olha-me bem de frente! Quero ver os teus olhos, esses olhos que me acompanharam, e essa boca

que sempre balbuciou palavras amigas. Sim, eu tenho de confessar-te que o meu único amor é esta farda que visto, são estas asas que tenho aqui no peito, e que simbolizam toda a minha vida. Poderás chamar-lhe um capricho, uma loucura, mas que importa?! Foram umas asas prateadas, que eu, pela primeira vez, amei. Foi sobre elas que encontrei a minha felicidade, e serão elas que continuarão a ser a chama viva do meu futuro. Que és tu na minha vida?»

— Uma mulher, em que eu julguei encontrar o amor maior que sobrepusesse ao outro, mas cedo reconheci a minha ilusão. Afinal, eras, para mim, um anjo bom, uma voz amiga; um sorriso delicioso, um olhar terno... Essas lágrimas que tentam forçar a tua vontade era o que eu temia. Não chores, pelo amor de Deus; não quero ver esses olhos manchados.

Foram inúteis as palavras de Jorge. Uma torrente de lágrimas e soluços veio quebrar aquela monotonia depois duma confissão tão vibrante.

Os carinhos de Jorge vieram acalmá-la e recompô-la, balbuciando ela palavras, como as de sempre, trespassadas dum amor profundo.

— Jorge, apesar de tudo, eu amo-te, sempre te amei, nada me faria recuar. Perdoa-me...»

Jorge abraçou-a e beijou aqueles lábios de virgem e de mulher, já que não sentia expressão verbal que satisfizesse aquele desejo de gratidão e de amizade que votara àquele anjo tão frágil e tão bom.

Foi interminável a despedida naquela noite. Ana Maria, no seu quarto cor de rosa, em vão reconciliava o sono com os últimos acontecimentos, tão infelizes para si.

Jorge passou toda a noite por entre os hangares, tacteando aqui uma hélice, além uma carlinga. Alheio a tudo, nem dava conta dos perfilares correctos das sentinelas. Sentia o mal que fizera a Ana Maria e sabia como era doloroso para aquele coração de mulher, que tanto o ama, uma confissão tão desanimadora; mas não poderia ocultar por mais tempo o segredo que viria a conhecer com o amor daquela mulherzinha encantadora.

Clareava o dia e um sol novo despontava já, quando voltou à «Messe».

Tomou qualquer coisa. Eram 7 horas da manhã, e foi deitar-se. Embora fosse um sono curto, levantou-se bem disposto, cheio de mais vida e dum optimismo estonteante.

Almoçou, mostrou-se, como nunca, mais falador e mais alegre, compartilhando com os seus camaradas uma disposição a todo o tempo desejável. A luta que travara durante aquela noite tinha desaparecido, e nenhum sinal de perturbação se desenhava no seu rosto sorridente.

Depois de almoçar chamou o ferriol Dias e disse-lhe:

— «Vai preparar a esquadilha e vamos fazer um voo de treino».

— «Imediatamente, meu tenente».

— Olha! às 3 horas estejm na pista 2».

As ordens foram cumpridas; e, às 3 menos cinco, os 5 aviões estavam prontos a partir. Às 3 horas previstas, o aparelho do tenente Jorge rodava na pista para se elevar, seguindo-se o do ferriol Dias e os outros três.

Comandando a formatura, o F-34 do tenente Jorge, como

(Continua na 3.ª página)

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Grupo

Amigos de Tavira

NUM ambiente acolhedor, jarras repletas de flores discretas, realizou-se, no passado dia 6, pelas 16,30 horas, a primeira sessão do Grupo Amigos de Tavira, a que se dignaram assistir os nossos amigos srs. Tenente Joaquim Alexandre Borges e José do Sacramento Costa, 1.º oficial de secretaria.

Numa das paredes, quadros que representam adesões.

Noutra, um enorme distico com a legenda: Tudo por Tavira.

Foram tomadas deliberações a ponto de, além doutras, que serão publicadas, ter sido marcada uma reunião, que se impunha, na Casa do Algarve, cuja Direcção gentilmente cedeu as suas salas para o efeito, e que consta da nomeação duma Comissão Administrativa em substituição da actual Comissão Organizadora, cujos membros dispersos não podem actuar convenientemente. Essa reunião ficou marcada para as 22 horas de ontem, salvo algum contratempo.

Comunicaremos aos nossos sócios e leitores do «Povo Algarvio» qual o resultado.

Para o efeito, só foram convidadas as pessoas que irão fazer parte da referida Comissão Administrativa e a Comissão Organizadora, que cessa as suas funções.

Apraz-nos registar que, depois de realizada a nossa primeira sessão, grande número de sócios nos vieram cumprir, visitando a nossa pequena sede na Rua Francisco Sanches, 45-4.º-Dto., e fazendo-nos várias ofertas.

Assim, do sr. Eng. Francisco António Rodrigues, recebemos artigos de electricidade; do sr. Eduardo Sancho Correia, um relógio de mesa; do sr. José António Bernardo, uma mesa de sala e dezenas de livros, que vão principiar a formar a nossa biblioteca.

Como já foi dito, todos os sábados, desde as 14 horas, a sede está patente aos sócios deste grupo.

Que todos os tavirenses nos animem.

Lisboa, Maio 1955

Casimiro Santos

Cinfães

Todas as estações de Caminho de Ferro aceitam a despachar mercadorias para a vila de Cinfães, em ligação com a estação de Mosteiró.

No Despacho Central, instalado na vila de Cinfães, aceitam-se para despacho mercadorias para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

Vende-se

Uma casa, na Rua dos Álamos, em Tavira.

A quem pretender nesta Redacção se informa.

Doenças da pele

Só 3 dias de tratamento com

PRODERMA

Depositários:

Drogaria Rodrigues da Silva, Lda.
COIMBRA



Pela Cidade

Novo espectáculo do Orfeão em Tavira — Em virtude do grande êxito obtido nos saraus realizados nesta cidade, em Vila Real de Santo António, Évora e Reguengos de Monsaraz, e satisfazendo os inúmeros pedidos manifestados por muitas pessoas que não conseguiram obter bilhetes para o primeiro espectáculo no Teatro António Pinheiro, realiza-se novo espectáculo na próxima terça-feira, dia 17 do corrente, em que actuarão os grupos orfeónico, cénico e folclórico da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro.

No dia 20 do corrente, a representação orfeónica deslocar-se a Faro, a fim de realizar um espectáculo no Teatro Santo António, voltando novamente a exhibir-se naquela cidade, no próximo domingo, apenas o seu orfeão.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Monte-Pio Artístico.

FUTEBOL

Desloca-se hoje a Moncarapacho a popular equipa do Sport Tavira e Benfica, onde realizará um encontro particular com a equipa local.

PROPRIEDADE

Vende-se uma no concelho de Olhão, situada a 2 quilómetros ao norte de Alfandanga, coberta de rendimento de sequeiro e regadio, 4 noras com engenhos de ferro, 6 tanques e levadas de alvenaria, com água de pé que rega mais de um moio de terreno. Grande quantidade de laranjeiras, tangerineiras, nespereiras, romãzeiras, damasqueiros, amendoeiras, oliveiras, figueiras e muitas outras árvores de diferentes qualidades.

Facilita-se o pagamento com um juro barato.

Informa o sr. Manuel Barqueira, comerciante, Rua da Liberdade — Tavira.

A mendicidade nas ruas

MUITO se tem feito no nosso país em matéria de assistência, e muitas terras há onde o espectáculo da mendicidade nas ruas foi exterminado totalmente.

Isto é prova mais que evidente que o Governo, através dos seus organismos assistenciais, não tem descurado este magno problema.

Infelizmente, Tavira, como em tudo, segue na retaguarda do progresso.

A nós, não nos compete resolver tal problema e, por isso, limitamo-nos a fazer eco para ver se é possível tomar-se providências para evitar notas tão discordantes.

Também chamaram a nossa atenção para o facto de certos pobres impertinentes que aparecem pelas esplanadas dos cafés, mendigando e alguns deles mimoseando aquelas pessoas que lhe não dão esmola com impropérios.

O proprietário de um dos cafés locais tem sido já diversas vezes incomodado com reclamações feitas neste sentido por parte dos clientes.

Há anos, o problema foi tratado no nosso jornal. Chegou-se mesmo a fazer um ficheiro com nomes das pessoas e firmas comerciais que desajassem contribuir para evitar o peditório nas ruas; porém, apesar da boa vontade de quem pretendeu levá-lo a efeito, ele morreu por falta de amparo, e a cena continua.

Nesta idade atômica em que vivemos, não se justifica tão degradante espectáculo humano.

Torna-se absolutamente necessário acabar, de vez, com os profissionais da pedincha, que massacram diariamente o cidadão.

A pedra de armas do solar dos Mendonças de Barros em Moncarapacho

No artigo publicado no último número do «Povo Algarvio», sob este título, onde se lê: «Pelas ligações e afinidades dos Barros com os Mendonças», deve ler-se: «Pelas ligações e afinidades dos Barros com os Mendonças e Pessanhas», ficando assim ressaltada a omissão.

Rui Aboim Faria Pereira

Farmácia Montepio Artístico Tavirense

TELEFONE 183

Grande sortido de especialidades nacionais e estrangeiras

Perfumarias e produtos químicos das mais reputadas marcas

Vendas a preços módicos de Artigos de Borracha